

# O CENTRO DE MANAUS E AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO: LABORATÓRIO COM TEATRO DO/A OPRIMIDO/A PARA CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO *QUE HORA ELE VEM?*

Mateus Cardozo<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Amazonas

Orientação: Profa. Ma. Annie Martins<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral fazer uma reflexão e um relato de experiência por meio do laboratório com o Teatro do/a Oprimido/a<sup>3</sup> para pensar sobre a marginalização de pessoas no centro da cidade de Manaus, os/as quais são indivíduos/as que não tiveram oportunidades na vida, que são constantemente oprimidos/as e silenciados/as pela sociedade, especificamente as mulheres em situação de prostituição e com esse laboratório relatar a construção e os processos da encenação teatral *Que Horas Ele Vem?*. Portanto, retratar por meio do Teatro a vida de pessoas que passam por tais realidades e acabam entrando no mundo do crime, da prostituição e da dependência química.

**Palavras-chaves:** Teatro do/a Oprimido/a, Mulheres em situação de prostituição, montagem cênica *Que Horas Ele Vem?*.

A vontade de realizar o laboratório de pesquisa com as bases de fundamentação teórica do Teatro do/a Oprimido/a: ética e solidariedade, empatia, jogos teatrais, no Centro na cidade de Manaus veio por eu ter crescido naquele lugar e ter presenciado muitas realidades sendo filho de uma mulher camelô<sup>4</sup> do centro de Manaus. Dessa forma, desde muito cedo eu pude presenciar certas realidades em torno das ruas, seja na minha família que

---

<sup>1</sup> Mateus Cardozo: Artista Preto, estudante do Curso de Bacharelado em Teatro da UEA-AM;

<sup>2</sup> Annie Martins: Professora do Curso de Teatro da UEA-AM; Mulher Indígena e Nortista, Coordenadora do projeto *Arbítrio: Teatro e Prisão no Amazonas (2015-2020)*; Doutoranda em Linguagem, Corpo e Estética na Educação- UFPR-PR.

<sup>3</sup> O Teatro do Oprimido é um método cênico - pedagógico ele pretende trazer reflexões e transformar o telespectador em um sujeito atuante, e tem como principal objetivo a conscientização social, eles usa diversos jogos para causar essa conscientização, fazendo o público ser transformador da ação dramática que foi apresentada, o público pode interferir e protagonizar e transformar as cenas do T.O

<sup>4</sup> Camelô é um/uma comerciante de rua que tem um trabalho informal, é um trabalho realizado pela população brasileira que não teve oportunidade de trabalho fixo e com direitos trabalhistas, muitas vezes não é regularizado e com isso é muito comum suas mercadorias serem apreendidas pelas fiscalizações.

também em sua grande maioria é composta por pessoas pretas que foram constantemente marginalizadas com o racismo e a interiorização pela classe social. Já presenciei tio e tia sendo presos por tráfico de drogas, outra tia em situação de prostituição e isso sempre causou muita dor de ver pessoas que tanto amo em tal situação. Reflito aqui a consciência sobre quantas pessoas da minha cor não passam por essas opressões diariamente? Eu tive a oportunidade de entrar em uma universidade pública e desde o início da graduação no Curso de Teatro, tenho usado a minha arte com a consciência de um corpo de um artista preto, gay e periférico para comunicar de forma política essas opressões e a necessidade de eliminá-las, isto é, usar o teatro e a performance como uma ação continuada e construtiva, como o Teatro do/a Oprimido/a propõe.

A motivação dessa pesquisa veio a partir de pensamentos sobre o cotidiano social e quando estive frente a frente com ele em cena por meio da montagem cênica adaptada obra *Abajur lilás* de Plínio Marcos (1935-1999), ocorrida em junho de 2018 dentro de um prostíbulo no centro de Manaus e foi ali que encontrei a linguagem que iria caminhar comigo até aqui. E a partir dessa montagem e de outras obras teatrais que li durante o Curso de Teatro e analisei, como a *“Dama das camélias”* criei o meu processo teatral apresentado em 25 maio de 2022 no bar/ casa de show *La Fama, localizado no centro da cidade de Manaus* e intitulado de *“Que Horas Ele Vem?”*, portanto, a partir dessas obras e de laboratórios de pesquisa pelo centro da cidade, pude juntar os conhecimentos práticos, teorias e vivências dentro e fora da faculdade e realizar uma obra artística fundamentada em opressões sociais, como a miséria da prostituição, o machismo mostrado, a exploração e a própria decadência da cidade.

O Teatro do/a Oprimido/a e o Teatro do Real<sup>5</sup> podem retratar essas realidades que muitas vezes eu já passei. A participação no componente curricular do Curso de Teatro da UEA - *Interpretação 2* e no *Projeto Arbitrio*

---

<sup>5</sup> “Então, considerando este pensamento fundamental para a criação cênica, pode-se privilegiar a hipótese do real a partir da noção de experiência do real na própria realização do espetáculo, antes de focar o real como referencial” (CARRERA, André CARVALHO, Ana Maria. “Entre mostrar e vivenciar: cenas do teatro do real, p. 43). Ou seja, o teatro do real traz tensões entre a realidade e a ficção, essa forma de se fazer teatro inclui situações, no caso de opressões, que o próprio público passa, e geralmente é realizado em espaços urbanos cuja vivência é em tempo real.

entre os anos de 2018 e 2019, trouxe a tona para mim as técnicas da Estética do Oprimido, como por exemplo os Jogos Teatrais, o Teatro do invisível<sup>6</sup> e o Teatro Fórum<sup>7</sup> que mostram como atores/atrizes e não atores/atrizes em cena podem criar reflexões e apresentar ao público opressões que não eram vistas e refletidas de forma explícita pela sociedade e, portanto, esses jogos voltado ao Teatro do/a Oprimido/a influenciaram o processo.

O Teatro do/a Oprimido/a pode ser considerado uma tecnologia social e política, pois se movimenta, é dinâmico para transformar, dessa maneira tomei partido de observar o centro da cidade de Manaus o qual tem uma carga muito grande quando pensamos na contradição do aspecto geográfico, pois é uma área que ao mesmo tempo é elitizada com vários pontos turísticos famosos da capital do Amazonas, hotéis de luxo e monumentos históricos, ao lado da zona portuária com os mercados de peixe, frutas e comércio em geral, e as profissões marginalizadas como o/a peixeiro/a, o/a estivador/a, os/as feirantes, os/as cargueiros/as, e uma área repleta de moradores/as em situação de rua e de prostituição, em sua maioria pessoas não brancas e muito pobres em busca de garantir o melhor para as suas famílias ou para si mesmas.

## **1. PROSTITUIÇÃO, SOCIEDADE E EXPLORAÇÃO**

O laboratório em campo foi um processo fundamental para a equipe do espetáculo *Que Horas Ele Vem?* juntar as teorias e as práticas teatrais e as nossas próprias vivências pessoais, e pensar em um teatro político. Fomos a um bar situado no centro de Manaus em uma das ruas que mais tem índices de prostituição ao ar livre a qualquer hora do dia, encontramos em um dos ambientes uma jovem, mulher preta, estatura baixa, cabelo longos e cacheados, corpo esbelto, muito bonita e jovem por sinal segundo os padrões estéticos estabelecidos, no entanto, com o acréscimo da hipersexualização de

---

<sup>6</sup> Teatro do invisível: É uma forma de teatro que não busca ser reconhecido como o TEATRO CONVENCIONAL pelo público, ou seja, o público não sabe que é algo encenado e tem uma reação espontânea. Tem como intuito fazer as intervenções mais realistas possíveis (grifo próprio).

<sup>7</sup> Teatro Fórum é uma técnica onde os atores encenam uma situação com uma opressão-problema, e em seguida se faz um fórum de discussão com o público espectador e solucionar esse problema, por meios de ações e sugestões para outras narrativa à história, sem a opressão inicial apresentada, neste ato, o público sai da plateia e vai atuar no palco (grifo próprio).

uma mulher negra, como dizia a cantora e ativista Elza Soares (1930-1922) em um trecho da música *A CARNE* (2002) “*A carne mais barata do mercado é a carne negra*”, fazendo alusão ao corpo negro ser um mero objeto ou produto barato, sendo possível matar ou eliminar.

O lugar em que nos situamos determina nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALEZ, Lélia. *Revista Ciências Sociais Hoje, Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, p. 224.)

Essa jovem em estado de prostituição dançava em um *poledance* e aos poucos tirava a roupa até ficar completamente nua, tinham poucas pessoas na sala, ela dançava sensualizando em busca de um cliente para a noite. Lembro-me da sensação que senti, eu olhava para aquela mulher e imaginava-a no cotidiano tendo e merecendo uma vida e não naquela situação de decadência que um sistema racista, machista e opressor a colocaram, uma jovem com muitos sonhos, muitas coisas para realizar, mas de alguma forma estava presa naquela situação e não era por que ela queria por que ninguém está na prostituição por que quer. Após as apresentações, esta mesma jovem, estava de roupão na rua conversando com vários homens como se estivesse oferecendo o seu trabalho, nunca vou me esquecer daquela cena, nunca mais a vi, mas espero que ela tenha forças e condições para sair dessa situação.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. A mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, Lélia *Revista Ciências Sociais Hoje, Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, p. 226).

Quando falamos de pessoas pretas estamos falando de pessoas que já nascem subjugadas por uma sociedade branca elitizada que nos olha sempre

em lugar a baixo, e quando estamos no mesmo patamar duvidam da nossa presença ali, homens e mulheres negras acabam caindo no mundo das drogas ou prostituição justamente por estarem inseridos nessa realidade racista que por diversas vezes não dá oportunidade, isso não é uma maneira de justificar, mas sua maioria é por falta de estrutura social e política, pois são mulheres que se sujeitam a isso para levar o pão pra casa.

Muitas delas não têm condições ou oportunidades de empregos em trabalhos formais, pois não tiveram acesso à educação, ou alguma estrutura familiar ou mesmo por serem egressas do sistema carcerário que prende e mata pessoas pobres e pretas, e esse reflexo vem justamente dessa banalização da sociedade sobre o racismo e o machismo, que para muitos não existe uma problemática grande em uma mulher na situação de prostituição, ou de um homem preto que pela falta de estrutura social acaba entrando no mundo do crime, é como se fosse normal, como se a miséria tivesse sido banalizada.

A prisão é um sistema fechado onde se internam pessoas que cometeram delitos, que são fiscalizados em todas as suas ações até a sua recuperação, como deseja a sociedade. Esse sistema fracassou exatamente pela ausência de ações libertárias ligadas à construção do homem/mulher preso (a) em direção ao homem/mulher cidadão. O sistema penal transforma o (a) preso (a) num corpo dócil e obediente que absorve a cultura do funcionamento institucional mostrando a sua ineficácia por ao estar em consonância com os princípios que estão na lei. (...) Portanto, não é a lei o problema da prisão, mas a prisão que não faz e nem respeita o que a lei prescreve [...] (FICHE, p.13, 2009)

Durante o processo de laboratório cênico para a construção do espetáculo *Que horas Ele Vem?* no ano de 2022, após as crises pandêmicas, para elaboração de uma montagem cênica no Curso de Teatro, eu e a minha colega também diretora do processo, Thayná Liartes, percebemos que nenhuma mulher está na prostituição por que ela quer, alguns fatores podem contribuir para este cenário da banalização da decadência humana, como, por exemplo, o contexto social (onde vivem, falta de dinheiro, estudo, estruturas racistas e machistas) e abuso sexuais que ocorrem na infância ou no decorrer de suas vidas os quais causam traumas e podem levá-las para este mundo, já que elas se sentem culpadas pelos abusos e se objetificam, não se sentem

mais como sujeitos ativos e críticas de uma sociedade, são objetos, e por serem mulheres e pretas, objetos sexuais.

Dessa forma, a prostituição está longe de acabar, mas o que podemos melhorar são pequenas vivências e falas no nosso cotidiano, em que acabamos por fazer brincadeiras para banalizar a situação da prostituição, que é na verdade uma grande indústria da exploração pelo patriarcado, esse sistema dominado por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, os quais exploram e oprimem. “Brincadeiras do tipo: “se nada der certo na minha vida, vou virar puta”, ” acho que nasci pra ser puta mesmo, eu sou é puta”, “*vou é ter é que me prostituir para pagar isso*”

A prostituição causa sofrimento a muitas mulheres (trans, pretas, indígenas) e os/as periféricos/as são considerados/as um subproduto da sociedade, e potencializa sua inferiorização. São muitos feminismos, e estes como sistemas para pensar um mundo mais igualitário, precisa rever o recorte social dessas pessoas que em grande maioria não são brancas e estão em estado de prostituição. As ruas fazem nos conectarmos com as mais diversas pessoas, em meio a pesquisa eu pude conversar um pouco com essas pessoas que ficam em volta pelas ruas do centro, conversei com uma mulher trans preta que está em situação de rua. Eu sempre interagia com ela nas ruas do centro, ela me disse que morava na rua e que se virava como podia. Observei o quanto ela é retraída, um corpo contido e tem certos receios e medos, pelo fato de morar na rua ela sempre espera o pior das pessoas.

Porém, o que me chamava a atenção era o quanto essa mulher trans estava em estado de vulnerabilidade e risco. Ela caminhava em volta aos bares, ela pedia ajuda, pois queria matar sua fome e poucas pessoas se importavam com a presença dela, o corpo dela preto e trans é totalmente apagado, durante toda a noite eu vi que ela recebeu muitos “nãos”, as pessoas nem se quer olhavam no rosto dela ou interagiam e isso é doloroso ver de perto, o quanto não existe um olhar sobre essas pessoas, um apagamento.

As pessoas que estão em contexto de marginalização têm sonhos e objetivos, mas pela situação que vivem esses sonhos são interrompidos, a obra de *Abajur Lilás* de Plínio Marcos retrata muito bem essas questões sociais e os processos de marginalização, que junto as fundamentações do Teatro do/a Oprimido/a, pude perceber mais forte as causas dessa decadência, o

submundo criado por todos e oprimido, excluído. Nesta peça de teatro, Plínio Marcos (1935-1999) retrata sobre pessoas que não tiveram as devidas oportunidades, de mulheres que lutam pelo mínimo e que muitas vezes se sujeitam à prostituição para se manter para levar o alimento para casa e criar um filho. Plínio Marcos sempre buscou retratar as histórias dos excluídos e excluídas, aqueles que a sociedade sempre oprimiu e escondeu. Suas obras foram por muitas vezes impedidas de serem apresentadas por falar de assuntos polêmicos na época, o texto de *Abajur lilás* é uma referência por retratar a história de *Dilma*, essa mulher que tem um filho para criar e entra no mundo da prostituição para manter alguma possibilidade de ter uma família. A obra traz justamente o contexto dessa mulher brasileira que é mãe, que não teve uma boa estrutura, geralmente mulheres não brancas, semianalfabetas e que vive sobre à margem da sociedade.

Eu tenho meu filho pra criar, entendeu? Tu é tu mesmo. Tanto faz, como tanto fez, mas essa porrice louca não dá pra mim. Eu sou meu filho, tu já pensaste se eu entro numa gelada como é que ele fica? Pensa, o coitadinho não sabe de nada. Eu é que tenho que dar as dicas da vida pra ele. Tenho que dar dicas da vida pra ele, sem mim, ele se dana. Pode até..pode até.. Sei lá! Pode até virar um viado como esse giros que andam por aí. Deus me livre! Eu não gosto nem de pensar. Não! Não! Eu não gema no parto pra largar cria solta nesse mundo de coisa ruim. (MARCOS, Plínio. Peça teatral *Abajur Lilás*, p 28.)

Na obra de Plínio é possível perceber a revolta da personagem da *Dilma* em seu filho se tornar algo semelhante a ela, ou até mesmo de virar um viado igual o giro, como soa homofóbico, não existe justificativa pra tal fala, mas a personagem de *Dilma* faz de tudo para o filho não ter essa realidade, é só de pensar nisso ela se revolta, é um retrato de muitas mães na vida real que mesmo em uma situação difícil lutam para os filhos não terem a mesma realidade. E mesmo estando em uma situação de oprimida ela acaba estando na mesma moeda que *Giro* por reproduzir falas homofóbicas. Atualmente percebo que existe uma romantização e/ou banalização muito grande no que se refere à prostituição, pois muitas vezes é vista como algo que traz dinheiro fácil, a sociedade não vê o problema e o que essas mulheres passam e ao que elas se submetem.

## **2. O LABORATÓRIO PARA A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO QUE HORAS ELE VEM?**

### **2.1 A zona turista e área *boêmia* em torno da rua Lobo D´Almada**

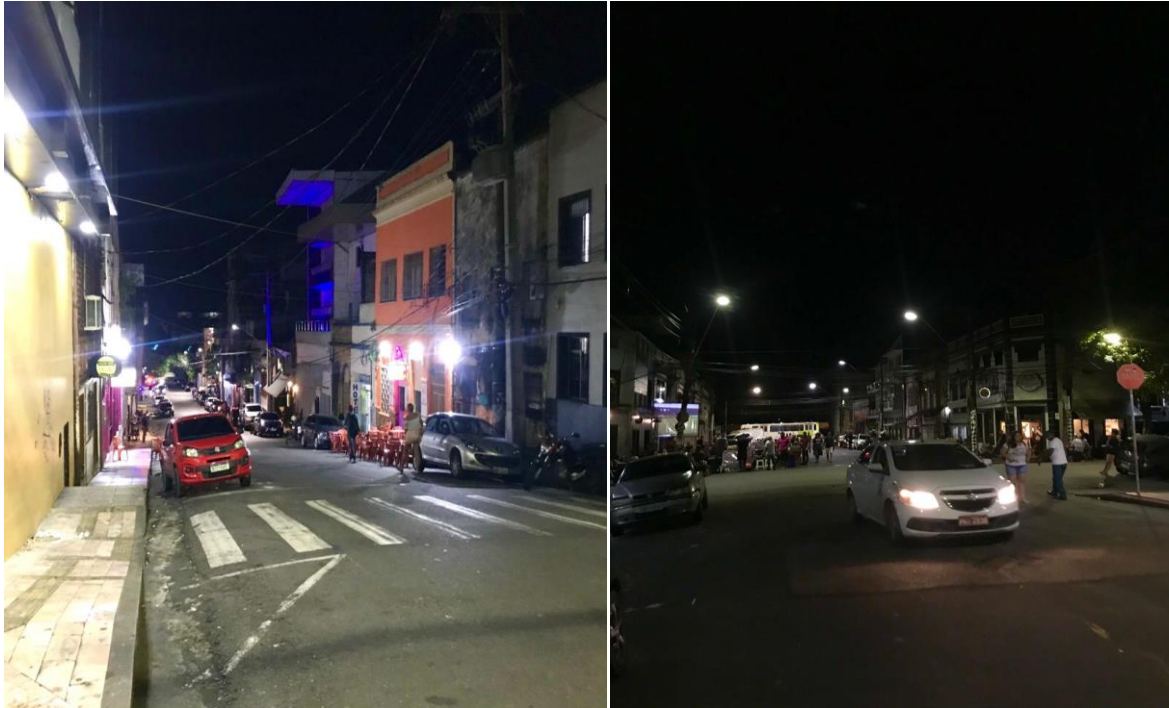
Ao percorrer as ruas do centro dessa grande metrópole<sup>8</sup>, cruzei com as mais diversas histórias ao sentar em bancos da praça, como por exemplo no *Largo de São Sebastião*, onde fica localizado o famoso monumento histórico *Teatro Amazonas*, e nesses bancos, várias pessoas vinham até mim vendendo algo ou pedindo ajuda e, isso é um retrato da situação em que vivemos, estas que não tem oportunidades e que são marginalizadas e sobrevivem como podem em empregos subalternos e informais.

A área boêmia do centro de Manaus é bem diversificada e contraditória, podemos perceber os encontros de classes, gêneros e raças, das elites aos mais pobres e miseráveis. Por exemplo, na rua José Clemente, podemos ver explicitamente bares tradicionais que recebem turistas, hotéis, salões de beleza, monumentos históricos junto às pessoas ali exploradas por estes e de poder aquisitivo maior, e logo à frente existe um grande movimento de tráfico de drogas, e o que alimenta esse ponto de tráfico é justamente as pessoas que estão pelos bares e casas noturnas nas redondezas. Da zona “gourmet” vamos adentrando aos poucos a miséria humana e a hipocrisia do centro da cidade de Manaus.

---

<sup>8</sup> Manaus: capital com mais de 2 milhões de habitantes (senso Ibge 2021).





Área do entorno e na rua Lobo D' Almada

Ao descer pela rua lobo D'Almada, por exemplo, nos deparamos com uma energia bem diferente. Tudo que me chama atenção nos processos marginalizados do centro da cidade, em seus mais variados níveis de contradição está situado naquele entorno. Nos primeiros dias da semana, tudo é aparentemente mais calmo e, somente com estacionamentos e o comércio no entorno, a partir da quarta-feira, o movimento se torna maior, e nas sextas e sábados, aparecem de forma expressiva os bares e casas de shows, os bordéis ficam lotados.

Caminhar por aquela rua é estar conectado com as diversas energias e pessoas, é possível ver algumas mulheres em situação de prostituição, desde as muito jovens até as mais velhas. Estas mulheres me chamaram atenção também pela indumentária, isto é, suas roupas e maquiagens que são: calças de cintura alta com cintos bem apertados, vestidos bem justos que marcam o corpo, deixando-o em evidência, maquiagens com as áreas dos olhos e boca com bastante destaque, elas sempre ficam de sapato com salto muito alto.

Já não chega a porra de vida que eu levo? Por que tu acha que eu me viro? Tu pensa que eu gosto dessa merda? Não gosto nada. Dia e noite no batente. Encarando branco, preto, amarelo, tarado, bebão, brocha, nojentos, sujos e tudo o que vem (MARCOS, Plínio. Peça teatral *Abajur Lilás*, p 28).

No trecho da obra de Plínio Marcos aborda justamente o fato dessa rotina tão cansativa dessas mulheres, o quanto elas se submetem a diversas coisas, elas se relacionam com todos os tipos de homens e muitas vezes se sentem totalmente sujas, por que é apenas uma relação sexual feita várias vezes durante o dia com desconhecidos, fazendo dos seus corpos apenas objetos que são usados e jogados fora, por isso a 'sujeira'. Na montagem cênica "*Que horas ele vem?*" que surge da junção desses laboratórios, logo no início do espetáculo no primeiro distanciamento <sup>9</sup>da personagem *Marta*<sup>10</sup>,. Neste primeiro momento *Marta* fala sobre a rotina dela, do seu cansaço e o seu estresse ao chegar depois de tantos programas e está suja, não ter água para se lavar. Abordamos essa rotina tão pesada e desumana. Uma rotina bem dura e a precariedade só aumenta, parece-me que a cidade de Manaus quanto mais se aproxima do rio Negro, uma de suas identidades naturais, eu vejo que é maior a miséria e as condições são precárias para as pessoas em situação de vulnerabilidade.

O objetivo da montagem cênica é revelar para o público essa realidade que muitas vezes nós menosprezamos por vivermos nas nossas bolhas sem olhar os outros, por vivermos no nosso egoísmo. É por isso decidimos realizar o espetáculo em um bar/casa de show na rua Lobo D'Almada justamente para o público de alguma forma se conectar diretamente com aquela realidade e sentir de forma mais próxima, as reflexões abordadas na obra, não só o público, mas também o elenco do espetáculo formado por uma atriz e também diretora junto a mim, Thayná Liartes e o ator César Brichello estarem mais imersos nesse mundo, já que essa rua e esses lugares carregam histórias reais. É a função do Teatro do/a Oprimido/a que vivenciei, mostrar a realidade, fazer o público participar, quebrar a quarta parede, ver de perto determinada opressão e pensar e agir de forma social, depois que esse público e toda a equipe da montagem cênica terminam o espetáculo. Esperamos que todos/as

---

<sup>9</sup> Distanciamento: termo de Bertolt Brecht usado para explicar quando a personagem sai da cena e olha diretamente ao público, quebrando a quarta parede da contemplação do Teatro dramático e revela situações reais ao público, fazendo-o refletir diretamente.

<sup>10</sup> *Marta* é uma personagem interpretada pela atriz Thayná Liartes *é uma mulher em situação de prostituição que trabalha em um postitubulo no entorno da igreja da matriz no centro de Manaus e tem aproximadamente 30 anos de idade*

saíam mais conscientes de uma realidade decadente que está tão próxima de nós e que possamos fazer algo um dia ou no nosso dia-a-dia.

## **2.2 Zona da Matriz do centro de Manaus como laboratório para as cenas das mulheres em estado de prostituição**

Nesta área chamada Matriz, localizada no Centro histórico de Manaus, as mulheres em situação de prostituição se apresentam em bordeis que diferente das casas noturnas da rua Lobo D'Almada, são mais precários na infraestrutura física, ao entrar em um desses bordeis me deparei com um mundo diferente, lá parecia com um galpão, bem no centro existe um palco com dois pole dances e logo a frente tem uma mesa de som aonde tem um homem que anuncia as mulheres que vão se apresentar, geralmente ele quem dita o que ela deve ou não fazer, revelando, portanto, o que acontece na sociedade machista, onde os homens ditam o que as mulheres devem ou não fazer; ao redor do palco ficam alguns homens, e em muitos momentos acontecem atos de sexo oral ali mesmo, exposto para todo mundo. Essas mulheres em estado de prostituição são apresentadas realmente como um produto, elas dançam no palco e no fim ficam nuas. Durante toda a noite existe alguma mulher se apresentando, o rosto delas diz muito, muitos homens ficam em volta, alguns pegam em suas partes íntimas, e percebi que é um lugar bem pesado, ali tem mais de 20 mulheres em situação de prostituição das diversas idades, corpos e cores.



Área do entorno da igreja da Matriz

Na cena da montagem “*Que Horas Ele Vem?*” intitulada “carne de açougue” que surgiu a partir dessas situações que presenciamos, e traz justamente esse jogo cruel entre o homem e a mulher que está ali no palco de strip tease, aonde o locutor interage com a plateia masculina a partir da ação do corpo da mulher. A vulnerabilidade dessas mulheres se mostra quando elas são obrigadas a se expor como uma carne no açougue, desnuda e pendurada. E ao ver tudo aquilo pensamos em como se levaria aquilo para cena, como uma forma de denúncia, e mesmo de socorro, pois mesmo aparentando alguma felicidade e desenvoltura no palco e no streaptease, olhando no fundo do olho de algumas é possível ver que elas não queriam estar naquela situação, dessa forma, a partir dessas observações criamos a narrativa da cena. Chegamos em Três Pontos de energia cênica

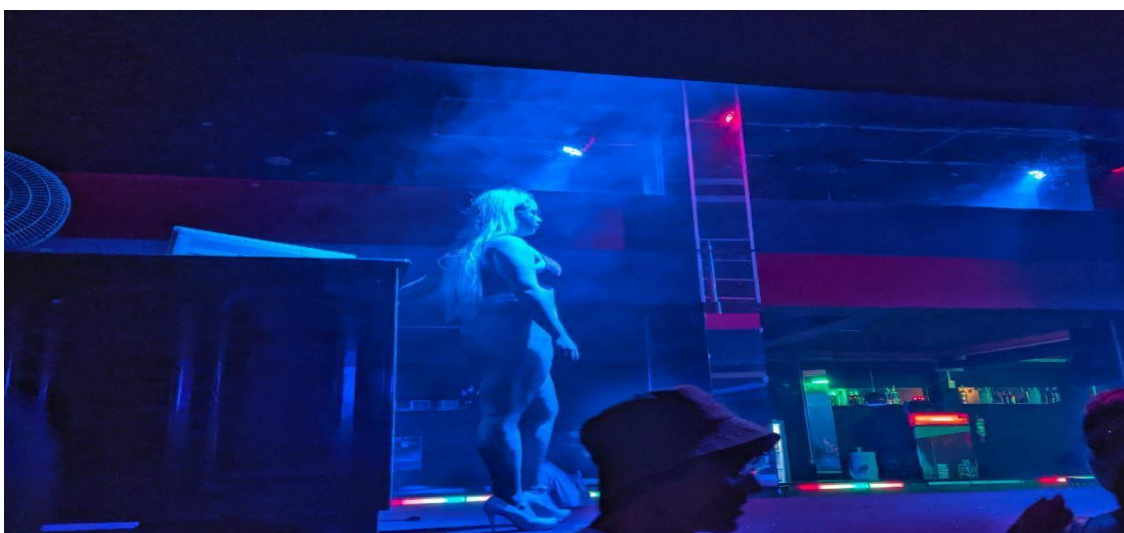
1° A energia que é externa, de quem vê: A mulher ali dançando seduzindo como se tudo fosse perfeito, como se ela amasse aquela situação;

2° A energia interna, do que ela realmente sente: o que essa mulher sente quais os gatilhos e abusos que ela sofre;

3° A energia do desabafo: O quanto ela quer gritar toda essa dor e o quanto ela está cansada disso.

Trabalhamos esses pontos de energia através do corpo da atriz aonde com ele, ela comunica ao público a partir desses estados de espírito. No início apenas com o corpo e em seguida com falas, um distanciamento aonde é abordado justamente essa questão de ser uma carne exposta na vitrine do açougue, pronta para ser comprada e comida, uma metáfora a todas as opressões que essa mulher passa na noite atendendo vários homens e sofrendo diversos abusos.

*“Se alguém me perguntasse com o que eu me identifico, com algo que me representasse eu diria que uma carne fria pendurada em um ferro no freezer de um açougue. Todo dia eles me tocam, me colocam em lugares que não me pertence e no fim não me escolhem, como se minha carne fosse tão desprezível ao ponto de que nunca estará servida no seu prato. Eles me olham e me julgam como se sentissem Reis com suas barrigas de cervejas, seus narizes grandes impedido que sintam o cheiro da própria merda, mas quem sou eu pra falar algo além de meretriz, uma falha de Deus, o escarro do diabo e a decepção de um destino que não deu certo” (Trecho da fala da personagem Marta, criada pela dramaturgista Daphne Pompeu especificamente para o espetáculo “Que horas Ele vem?”)*



Personagem da marta em cena intitulada “ carne de açougue” registro de Gabriel Ricardo

A fala da personagem *Marta* mostra ao público uma denúncia, um desabafo, uma reflexão política, tal como o Teatro do/a Oprimido/a estimula

como metodologia cênica, para comunicar tudo o que a gente viu durante os laboratórios de campo nestas ruas e bares, onde há muita prostituição no centro de Manaus. Não colhemos depoimentos dessas mulheres, pois é um ambiente aonde nós do elenco destoávamos de alguma forma e não queríamos forçar algo ou se aproveitar delas só para colher informações e usá-las, frequentávamos aquele espaço e nós deixávamos nos afetarmos pelo o que a gente via, sentia, ouvia, tocava. Como a metodologia do Teatro do/a Oprimido/a prevê segundo Augusto Boal “ver tudo que se olha, sentir tudo que se toca, escutar tudo que se ouve” (2009), e a partir daí o/ oprimido/a vai se conscientizando do lugar da opressão para mudar e agir com aliados/as.

É possível perceber que a maior parte das pessoas que frequentam estes ambientes, são homens cisgêneros, ou seja, que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram e reproduzem os padrões sociais que são típicos do homem dominador e machista, percebemos que estes frequentadores são em sua maioria comerciantes que trabalham no centro da cidade ou no entorno, e lá eles se sentem como reis, com muito poder, e isso gerou muito incômodo em mim, a objetificação explícita sobre esses corpos, quando, por exemplo, o locutor disse “Cadê os caçadores de buceta?”. Os homens em volta do palco gritavam se sentindo os superiores, um grande retrato de o quanto aquelas mulheres naquele espaço são inferiorizadas.

Esse locutor que anuncia essas mulheres só fortalece o quanto elas estão sendo expostas como um produto e nesse espaço tem todos os “tipos de mulheres”, como se elas fossem um objeto definido, desde ruiva, a morena, a loira, a dita magra ou gorda, ou seja, como se fosse um cardápio que esse homem apresenta aos rapazes que estavam ali, ou como se fosse um leilão, e o melhor produto é levado, por isso elas sofrem com essa pressão estética que é tão grande. Levamos essa reflexão para cena quando o personagem *Clê*<sup>11</sup>, interpretado pelo ator César Britchello, vende as mulheres e diz que o bordel dele tem as melhores de Manaus.

No espetáculo *Que horas ele vem ?* trabalhamos com medidas visuais e sensórias aonde estudamos as roupas e vestimentas que essas pessoas usam, até as cores foram observadas com isso criamos um conceito de cores e

---

<sup>11</sup> Clê é um personagem interpretado pelo ator César Britchello é um homossexual de 32 anos dependente químico que é dono do bordel aonde a marta personagem de Thayná liartes trabalha.

trajes aonde o vermelho, o azul e o preto dominam muito, o sensorial e atmosférico vem atrás do cheiro de cigarro e bebidas.

O elenco da peça esteve presente nessas pesquisas, nessas idas a essa casa de show, o tipo de mulher em situação de prostituição que a atriz do processo escolheu, foi essa mulher que atua nesse bordel na área da Matriz próximo ao porto de Manaus, as mulheres desse entorno atendem seus clientes ali mesmo no local, elas dançam e muitas delas chegam nós clientes negociam rapidamente e em seguida os levam para um pequeno quarto. E de 10 á 15 minutos é possível ver uma mulher saindo daquela cabine nua. Tudo o que vimos nesses laboratórios em sua grande maioria transformamos em cena.

O figurino da personagem *Marta* foi totalmente inspirado nas mulheres em situação de prostituição da matriz, essas mulheres geralmente compram roupas em galerias do centro de Manaus, em comércio de varejo e atacado, e foi justamente nesses lugares que fomos pesquisar os figurinos, os acessórios para compor essa personagem como a calcinha, o vestido. O cabelo (lace ou peruca) de muitas delas é comprado em lojas do centro e aplicam para usarem na noite, não existe um poder aquisitivo muito grande dessas mulheres, por isso elas improvisam como podem para se encaixar nesse dito padrão.

Toda a escritura sensorial visual e de vestimenta pesquisada nos laboratórios foi utilizada em cena seja na sonoplastia, no visual por ter o palco, mesas de bar e nas cenas por meio da indumentária que trazia narrativas pra cenas quando por exemplo *Marta* ia dançar no *pole dance* apenas de calcinha e sutiã, em cenas fora do palco ela usava roupas curtas como shorts e vestido, toda essa experiência caminhava junto das cenas.

Falamos também de algo regional e a pesquisa fala dessa zona central e portuária, pensamos em não fugir disso trazendo uma vestimenta talvez mais elitizada ou sulista (descolonizando o que temos de referência de indumentária como padrão), estamos falando de pessoas inseridas na nossa cidade e buscamos estar próximo ao máximo dessas referências, por isso apresentamos a encenação em um bordel, e trazemos também um pouco da referência da técnica do *Teatro do Invisível* da Estética do/a Oprimido/a, onde uma opressão é ensaiada cenicamente antes e mostrada ao público no lugar real em que

essa opressão se situa, no caso a casa de show *La Fama*<sup>12</sup>, o lugar onde essas mulheres se situam e onde havia homens que frequentam esse lugar assistindo a apresentação habitual sem saber que uma das cenas era teatro, tanto que até um deles veio conversar com a atriz por pensar que ela era uma mulher em situação de prostituição, ou seja, nós do processo ficamos imersos naquele local a ponto de pensarem que não era teatro.

E existiu todo um cuidado de segurança com o elenco na *cena zero* que era antes do espetáculo por justamente por está inserido naquela realidade. O real e o ficcional iam e voltavam na cena, mesmo com a apresentação de teatro no ambiente, ainda tinha algumas mulheres em situação de prostituição ali. O dia de apresentação final foi o ápice de energia onde toda a equipe do espetáculo, estava inserida naquele local. Foi um dia com expectativas, chegamos bem cedo e as mulheres que se apresentavam ainda estavam no local, umas nas mesas de bar, outras no pole dance. A casa funciona das 14 as 20h, a partir das 20h ela vira uma balada/bar. Começamos a preparação às horário que encerrava o “leilão”, as vendas de seus corpos. Quando elas iam saindo daquele local, nesse momento conseguimos dialogar com algumas e sentir um pouco a energia delas, pois apresentar naquele local foi uma imersão e em nenhum momento forçamos algo e qualquer interação foi natural. Isso nos leva a pensar que é possível conversar, falar, e interagir sem rótulos, são mulheres e humanas, tem afetos e amor antes de qualquer condição ou rótulo de prostituta imposto pela sociedade.

Na apresentação foi incrível ver o quanto o público ficou imerso na narrativa e no local, eles realmente se sentiram em um bordel, pois de fato estavam, ao mesmo tempo que sentiram as problemáticas por meio da personagem *Marta*.

*“Por eu ser mulher e minha pesquisa está voltada ao tema, ir para os laboratórios, chegar até a rua e voltar depois dessa experiência é algo que me marca muito, me dói muito e realmente é algo que é preciso saber separar, para não chegar com uma carga muito pesada de energia e se contaminar, por que é muito triste ver que uma mulher chegou a esse ponto de vender seu próprio corpo pra sobreviver, Fazer a Marta me traz*

---

<sup>12</sup> La Fama é uma casa de show LGBT localizada na rua Lobo D’Almada, mas que de dia funciona como um clube de prostituição conhecido também como dama da noite.



*novas possibilidades de fazer denúncias e fazer essa personagem me faz esta imersa no mundo dessas meninas, e me faz ver que isso dói isso e machuca, a personagem Marta trás o real problema político, que é mostrar o lado que não é bonito ou fácil como a mídia muitas vezes vende, cada relato que eu conto é a partir do que eu vejo do que me afeta e afetou vendo elas naquela situação” (Relato da atriz e diretora Thayná Liartes sobre o processo da montagem cênica Que horas ele vem?, maio de 2022)*

Ouvimos falar da realidade da prostituição, acompanhamos encenações pelas novelas, filmes, literatura ou peças de teatro, no entanto, quando estamos frente à frente sentimos o quanto é triste ver tais mulher nessas situações, pois elas perdem suas identidades, são corpos objetificados, são corpos para serem servidos e subjugados, oprimidos. Houve um envolvimento de todos e todas da equipe, acredito que a experiência atravessou de forma real a ponto de pensarmos e questionarmos a realidade social decadente que vivemos.

*“Eu nunca tinha ido a um bordel, eu tinha aquela imagem de filme e séries, vivenciando pessoalmente é super diferente, eu consegui sentir muito vendo aquelas mulheres muitas delas me marcaram, uma me chamou muito por em momentos sensualizar para os homens e em outros terem um olhar totalmente de repulsa. Ver aquelas mulheres me deixou intrigado, eu imaginava como elas pararam ali o que trouxeram elas para aquele lugar. Gays do centro me inspiraram pra fazer esse trabalho essas figuras do centro que são irreverentes. Eu pensei em todo o contexto de vida do personagem, em me colocar nessas sensações imaginar o que ele esta sentindo. Ao ver meu corpo vivendo essas emoções eu senti totalmente imerso de certa forma naquela realidade a ponto de em algumas cenas eu estar um auge de energia e euforia” (Relato do Ator César Britchello sobre o processo Que horas Ele vem?, maio de 2022).*

O personagem interpretado por César está muito inserido nos contextos geográficos do personagem da marta, por ser um homossexual que vive pelas ruas do centro, a comunidade LGBTQIA+ muitas vezes não é aceita pelas suas famílias e acabam indo pra rua ficando totalmente vulnerável. Com isso muitos da comunidade entram no mundo do crime, trafico ou prostituição.

O Teatro do/a Oprimido/a como metodologia dos ensaios e do pensamento de querer ver a realidade de perto e possivelmente mudar um dia, afetou a todos/as nós. Acredito que cada parte do processo desta montagem cênica me ensinou sobre as bases do TO que tanto estudei: empatia e solidariedade. Aquelas mulheres são seres humanos cheios de brilho e amor.

### **2.30 Processo e chegada aos personagens com a vivência do elenco**

O Teatro do/a Oprimido/a está ligado na preparação do ator e atriz aonde eles se colocam em cenas como oprimido/a e em outras cenas como opressor/a, o espetáculo caminha abordando essas opressões da sociedade e do homem sobre a mulher, e o TO que está inserido nessas realidades, e o desenvolver da obra se caminha a partir do teatro do real, portanto, falamos de opressões com as duas linguagens, elas caminham juntas nessa criação da cena, ou seja, pegamos essas histórias reais e levamos para cena usando-as de forma política, através de cenas de denúncia, com a ideia de mostrar a realidade dura dessas mulheres.

Existe um jogo aberto com a plateia, pois a intenção é fazer ela estar inserida nessa realidade, com isso a disposição do público é próxima das cenas do espetáculo, e em alguns momentos quebramos a quarta parede e fazemos distanciamentos, o enredo do espetáculo caminha justamente na narrativa entre oprimido e opressor aonde em algumas cenas um personagem oprime o outro e depois vice e versa, e a opressão da própria sociedade dos homens que usam e abusam dessas mulheres.



Foto dos personagens Marta e Clê registros feito pelo fotografo Gabriel Ricardo.

O processo de preparação surgiu através de jogos de improviso onde o ator e a atriz trabalhavam com elementos relacionados a temática, a questão das músicas e trazer bebidas alcoólicas foram os sensoriais, pois através do cheiro, do toque e do ato de beber as bebidas foi essencial para a construção dessa narrativa. Também tentamos levar os elementos vistos nos laboratórios para a fala e a partir dessas referências, o elenco se jogava em cena para experimentar todos esses sentimentos que vimos de perto nos bordéis.

Como exemplo de cena e de jogo, um segura a boca do outro enquanto o outro ator com a força da voz tenta se livrar daquela mão em sua boca, e isso trouxe o temperamento da fala dos atores e a articulação vocal. Usamos outros jogos de T.O como o aquecimento de dividir o movimento<sup>13</sup> Geralmente os jogos começavam com Thayná e César com todo o corpo no chão, até se levantarem conectando-se com o personagem e ao terminar o jogo, se desfaziam desse personagem da mesma forma, foi um meio que encontramos de entrar nesse mundo e sair dele.

---

<sup>13</sup> Divide-se um movimento continuo (andar, por exemplo), nas partes: primeiro uma perna; parada; depois o braço; parada; a outra perna: parada; etc (BOAL, Augusto, '200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não ator, p. 79)

Eu como diretor buscava ao máximo provocar as emoções deles para estar naquele lugar, junto com os experimentos da iluminação e sonoplastia com o objetivo de trabalhar uma exaustão para trazer essa corporeidade imersa na dor, na revolta, na alienação daqueles corpos. Ou seja, foi uma junção desses laboratórios com estudos de mesas, jogos e dramaturgia, tudo em conjunto, pensando também nas obras que li e estudei no Curso de Teatro as quais são referenciais para além das teorias.

Os ensaios duraram em torno de quatro meses, existia uma dramaturgia base escrita por mim Mateus Cardozo com auxílio da nossa colega Daphne Pompeu, mas através dos ensaios e laboratórios, essa dramaturgia foi se alterando de acordo com as coisas que íamos vivenciando, ou seja, todo o processo da pesquisa colaborou para a dramaturgia e o enredo da obra. Os ensaios eram divididos em dias focados nas cenas de diálogos aonde eu e Thayná trabalhamos toda a narrativa das cenas com as emoções e intenções, e em outros dias focados em jogos teatrais nas cenas que não tinham diálogo, geralmente esses ensaios aconteciam no período noturno, para usarmos a luz ou a pouca luz de uma boate ou casa de show, como também ferramenta de dramaturgia para os jogos. Também eram estimuladas sensações e sentimentos, jogos do TO que visam a espontaneidade, a entrega para aquele foco, no processo de ensaio eu tentava potencializar aos atores para sentirem sensações como o amor, o prazer, o ódio e com isso eles pudessem ter um vasto gráfico de emoções, aonde em uma cena tinha alto índice de energia e em outras uma energia mais contida. Por retratarmos cenas que continham brigas e intrigas, muitas vezes foi difícil equilibrar essas energias, os jogos de velocidade mesclando com jogos de dicção contribuíram para conter e soltar a energia da cena no tempo certo para aquele momento do sentimento que a personagem sentia.

## **CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO**

As reflexões realizadas com o laboratório cênico nas ruas do Centro da cidade de Manaus, bem como a metodologia do Teatro do/a Oprimido/a que

construíram as narrativas políticas e sociais para a realização montagem cênica “*Que Horas Ele Vem?*”, ainda estão sendo digeridas por mim, pelo público, e por toda a equipe do espetáculo. Pois é um assunto que fazemos parte, que está ao nosso lado. Na obra retratamos a relação dessas pessoas em estado de vulnerabilidade e suas consequências, é o que não visto pela sociedade, que de maneira geral, não se responsabiliza por isso, e culpa o alcoolismo e o consumo de drogas, ou no caso da mulher mais ainda, como se ela fosse uma “vagabunda”, aproveitadora, interesseira e sem nenhum tipo de valor de afeto e amor.

O uso de bebidas, cigarros e entorpecentes está muito inserido no cotidiano das ruas dos bares e das casas de show em Manaus, ao está presente nesse local você percebe que o que faz esse negócio ganhar dinheiro além da exploração de mulheres, são as vendas de drogas e bebidas. Muitas dessas mulheres em situação de prostituição usam e abusam de drogas e bebidas, muitas delas usam disso para poder seguir com suas rotinas tão pesadas de prostituição para camuflar o quanto muitas vezes isso é ruim pra elas, como uma fuga necessária de um problema muito maior. O abuso de álcool e drogas acaba trazendo consequências como a própria dependência química, muitas delas acabam ficando alteradas e reproduzindo comportamentos violentos umas com as outras. Presenciei uma cena e umas das casas de prostituição que frequentei durante os laboratórios da peça onde uma mulher obriga a outra a fazer simulação sexual, ela induz a outra a fazer o ato e a outra mulher não quer, era nítido o quanto aquela mulher estava a base de álcool ou droga, elas já estão tão inseridas naquele contexto que acabam reproduzindo as mesmas coisas que sofrem. São opressoras e oprimidas.

A personagem *Marta* traz essa ligação com a bebida, ela usa dessa bebida para camuflar as dores e o quanto ela não gosta de está inserida em tal situação. O personagem *Clé* vai muito além do álcool, que também é droga, mas ele é totalmente dependente de drogas ilícitas, cigarro e bebida, ele mostra um pouco sobre as pessoas em contexto de dependência química que se veem perdidas nesse mundo e não conseguem sair, fator que observamos muito nos laboratórios que fizemos na zona central de Manaus, pessoas que fazem de tudo pra manter o seu vício e por isso roubam, furtam, geram violência, percebemos para além das teorias que o problema não é individual, é

definitivamente social. A montagem cênica *Que Horas Ele Vem?* traz esses aspectos que são consequências de uma sociedade que cada vez mais defende os privilégios de uma classe alta ou média, de cor branca e de homens cisgêneros, então a prostituição e as drogas na vida de pessoas pobres e especialmente de mulheres que já são inferiorizadas, torna tudo cada vez mais difícil, e é importante olhar para essa problemática, na vida real e nas artes. A arte é uma maneira de fazer alguma mudança, por isso ela é política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. *Teatro do/a Oprimido/a e Outras Poéticas Políticas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Teatro Hoje).

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: Trajetórias Individuais e perspectivas coletivas*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Unirio-RJ. Rio de Janeiro, 2009.

GONZALEZ, Lélia. *Revista Ciências Sociais Hoje, Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Anpocs, 1984, p. 224 e 226.*

MARCOS, Plínio. *O Abajur Lilás*. 3. Ed. São Paulo: Global Editora, 1979.

SOARES, Elza. *Intérprete da canção A Carne*. Composição de Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette. Álbum Do Cócix até o Pescoço, lançamento: 2002.

LA FAMA E ERVA DANINHA APRESENTAM:

ENTRADA  
**+18**

**ELENCO**

Thayná Liartes  
César Britchelo



**DIREÇÃO**


Mateus Cardozo  
Thayná Liartes




# Que horas ele vem?

ESPETÁCULO DE MONTAGEM TEATRAL

 25/05  21h

 La Fama American Bar-  
Rua Lobo D'almada, 366  
(Centro)

 Vendas de bebidas no local.  
Estupidamente geladas.

APOIO: **UEA** UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

**ERVA  
DANINHA**

*La Fama*  
**American**  
Bar